

Jornal da

Brasileira



SBP de PA

Sociedade BRASILEIRA de
Psicanálise de Porto Alegre

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre V. 26, nº2 dezembro de 2023

Quinteto, no. 1.º. Beethoven



SINFONIAS DA TRANSMISSÃO



Transmissão — Sinfonia Inacabada

“Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu”. Freud utilizou o verso de Goethe, em Fausto, ao abordar a questão da transmissão psíquica na instauração da cultura. Através da proibição do incesto e da culpa pelo parricídio, trazendo o interdito, tornamo-nos herdeiros do crime de nossos ancestrais. Para que possamos nos apropriar do que nos foi passado, precisamos ir além da identificação, da herança arcaica e de uma tarefa que envolve a apropriação crítica do que nos é passado. A transmissão tem uma polissemia de sentidos.

Quando passou do sujeito ao social, ao cultural e ao institucional, Freud nos transmitiu a Psicanálise em um percurso aberto, sempre em movimento e repleta de ressonâncias, que nos permite aceitar modificações, mantendo a continuidade e o sentido.

Desse modo, há dois anos, recebemos a missão de conduzir os rumos da Brasileira e desejamos transmitir nosso legado aos novos dirigentes da Sociedade e do Instituto.

Esta edição do Jornal apresenta a multiplicidade de reflexões das Diretorias e de seus membros sobre a vivência institucional e nos cargos, em uma sinfonia que se pretende manter inacabada.

Nossa capa é ilustrada pelo rascunho da décima sinfonia de Beethoven, inacabada. As nove sinfonias anteriores do gênio marcaram os rumos da música e dos compositores clássicos que o sucederam. Ao mesmo tempo, criou-se um mito que os assombra com a morte após completar a nona sinfonia.

O fim assusta a todos. As perdas remetem ao desamparo e à fragilidade da vida. A transitoriedade humana, no entanto, aponta para a preciosidade, para a beleza e para a criação de marcas, de ilusões que distraiam a finitude inevitável. Nossas criações nos transcendem.

Assim, esperamos que as publicações da Brasileira continuem a crescer e a qualificarem-se, expandindo a transmissão da Psicanálise e de nossa Instituição.

Sandra Gehling Bertoldi
Editora e Diretora de Publicações

EXPEDIENTE

Editora:
Sandra Gehling Bertoldi
Conselho Editorial:
Fátima Fedrizzi e Júlio Sperb
Assistente Editorial:
Lorraine Luz
Revisão de português:
Mayara Lemos
Diagramação:
Marcelo Teixeira
Capa:
Micaela Feijó Wünsch
Secretária:
Rosimere Silvano da Cunha

DIRETORIA

Presidente:
Astrid Elisabeth Muller Ribeiro
Vice-presidente:
César Antunes
Diretoria Administrativa:
Augusta Gerchmann
Tesoureiro:
Rodrigo Boettcher
Diretora Científica:
Cibele Formel Couto
Diretora de Publicações:
Sandra Gehling Bertoldi
Diretora de Divulgação:
Heloisa Zimmermann
Diretora de Comunidade e Cultura:
Vera Hartmann
Diretora do Centro de Atendimento Psicanalítico:
Rosa A. Avritchir

INSTITUTO DE PSICANÁLISE

Diretora:
Lísia Leite
Coordenador da Comissão de Formação:
Lopes Pedro Meller
Coordenadora da Comissão de Seminários:
Christiane Paixão
Coordenadora da Comissão de Formação Integrada em Psicanálise da Infância e da Adolescência:
Aline Pinto

DIRETORIA DA AMI

Presidente:
Ian Favero Nathasje
Vice-Presidente:
Júlio Sperb
Secretária:
Cristiane Felix Schindwein
Tesoureira:
Karla Aquino
Conselheiro Egresso:
Renata Manica
Conselheiro MI:
Giuliana Chiapin

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, fundada em 1992.

Praça Dr. Maurício Cardoso, 07, Moinhos de Vento
CEP 90570-010 Porto Alegre – RS – Brasil
Tel. 55 51 3330-3845 / 3333-6857
www.sbpdepa.org.br

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPdePA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

Palavras da presidente



Quando, há dois anos, aceitamos o desafio de administrarmos nossa sociedade, muitos de nós da diretoria não tínhamos a experiência de trabalhar como tal numa sociedade psicanalítica. Um desafio a todos nós que não temos a prática administrativa, e que se torna ainda maior quando estamos frente a uma sociedade que hoje conta com 186 membros, diferente de seu início, quando éramos bem poucos.

Isso exigiu diferentes formas e novas necessidades estruturais para atender tanto as demandas internas como as externas, precisando criar outras diretorias para dar conta dessa realidade de constante crescimento, tornando-se a quarta maior sociedade do Brasil. Tínhamos também o desafio de ser a nova diretoria após a pandemia e, portanto, promover o retorno ao modo presencial da secretaria, dos seminários, das reuniões e, ainda, manter a possibilidade do funcionamento on-line. Iniciamos a diretoria num mundo pós-pandemia e, além disso, logo de início, com o começo da guerra na Ucrânia. Mesmo assim fomos desafiados a darmos vazão à criatividade em nossas atividades e na volta aos seminários presenciais com a exigência de alta tecnologia e necessidade de investimentos financeiros. O desafio do equilíbrio entre gastos e investimentos nos levou à contratação de uma assessoria contábil e também a uma nova contadora, todas ações realizadas pela Diretoria Financeira a cargo de Rodrigo B. Foi também preciso revermos todo funcionamento administrativo com o rearranjo do nosso quadro funcional e a mudança de funcionários, optando por não termos mais uma gerência administrativa e passarmos para definição de uma secretaria específica para o Instituto. Foram realizadas atualizações de nosso banco de dados do histórico de nossos membros, desatualizado desde 2016, e hoje totalmente em dia. Foram também realizadas mudanças nas instalações da sede, como todo mobiliário da cozinha e biblioteca. Essas ações foram realizadas pela recente criação da Diretoria Administrativa, a cargo de Augusta Gerchmann.

Também renovamos todo o Auditório em suas instalações e adquirimos novos equipamentos de alta tecnologia para podermos trabalhar, quando necessário, no modo híbrido. Foram trocados todos os computadores, celulares, microfones, aparelhos de vídeos, tvs, o provedor, e renovados a pintura de salas e o mobiliário da biblioteca, etc. Todos realizados no trabalho conjunto da Diretoria Administrativa e Financeira.

Outro importante investimento da diretoria ocorreu no preparo de nossa jornada bianual, que nos exigiu foco e bastante agilidade devido a sua data de antecipação por questões de agenda com o Congresso Febrapsi, o que demandou a tomada de decisões logo no início da gestão. Fomos desafiados ainda na decisão sobre seu formato ser ou não híbrido. A jornada foi construída e pensada pela coordenação da Diretoria científica a cargo de Cibele Couto e da sua competente comissão científica, que trabalhou ao longo de um ano e meio, tendo atividades preparatórias intercaladas por outras atividades científicas de diferentes temáticas e com relevantes convidados, que também possibilitaram ricas trocas no campo científico. A realização dessa jornada, que se deu no Hotel Hilton, tornou-se um evento de grande porte, com sucesso de público e de uma reconhecida troca científica pela excelente escolha dos quatro convidados e da temática muito atual, nos aproximando dos 400 inscritos. Além disso, essa jornada foi o marco da possibilidade do reencontro no presencial de toda nossa membresia fortemente presente nela, o que nos preencheu muito pela troca também afetiva desse reencontro.

O lançamento de podcasts foi outra novidade lançada por nossa Diretoria, marcando uma nova forma de transmissão da Psicanálise na Brasileira para se dialogar com a comunidade. Produzidos pela Diretoria de Comunicação, a cargo de Heloisa Zimmermann, já foram publicados 14 episódios. Sucesso desde seu início por inaugurar essa modalidade em sociedades psicanalíticas, hoje já conta com muito seguidores e serve de modelo para outras instituições, que também vêm desenvolvendo tal projeto.

Muitas outras ações para Comunidade foram realizadas, como o debate sobre filmes, teatro, cursos, grupos de estudo, atividades em parceria com as universidades, campanhas solidárias — como a do último projeto solidário, criado para atendimento emocional às vítimas das enchentes do Taquari. Atividades estas desenvolvidas pela Diretoria de Comunidade e Cultura, a cargo de Vera Hartmann, e reconhecidas por todos por sua alta importância.

A indexação e digitalização de nossa revista *Psicanálise*, bem como a sua viabilização comercial on-line muito nos orgulha. Essa conquista foi finalmente alcançada pela Diretoria de Publicações, a cargo de Sandra Bertoldi, e é de grande importância, uma vez que a revista está entre as excelentes publicações realizadas pela Sociedade.

O nosso Centro de atendimento psicanalítico (CAP) conseguiu um alto patamar de procura para o atendimento emocional da população, possibilitando, entre outros objetivos assistenciais, atender a demanda de pacientes para análise e supervisão de nossos membros do instituto. Além disso, promoveu a realização de encontros sobre temas da clínica com convidados, reunindo muitos colegas.

Fomos uma gestão que propôs, desde o início, trabalharmos juntos, e que só definiu e tomou decisões através do voto da maioria, sendo todos implicados e participantes na condução das nossas ações. Acertamos e erramos, mas temos certeza que sempre pensamos em prol da nossa meta maior que é a manutenção e o crescimento da nossa sociedade.

Agora, próximos de encerrarmos nossa gestão, somos avassalados por outra guerra, ainda mais cruel pelo seu formato de manifestação, trazendo alto risco para a desumanização por seus objetivos e métodos utilizados. O desafio segue em nos mantermos firmes, criativos e crentes na maior capacidade do homem, a de se manter vivo e humano, com sua capacidade de amar o outro e também de amar o conhecimento. Assim segue a humanidade, bem como as propostas de uma Diretoria que se encerra e de outra que se inicia.

Agradecemos a todos que acreditaram em nós e que aceitaram trabalhar conosco nessa trajetória.

Diretoria biênio 22/23

Astrid E. M. Ribeiro

Presidente

Notícias

A Brasileira no Congresso da Febrapsi

De 1º a 4 de novembro de 2023, ocorreu o 29º Congresso da Febrapsi, em Campinas, São Paulo, com a participação de muitos membros da nossa Sociedade em cursos, mesas-redondas, temas livres e discussão de casos clínicos, com destaque para a mesa-redonda "E eu com isso: antissemitismo estrutural no Brasil". Devido à grande audiência da mesa, despertando interesse e solicitação de muitos participantes que não conseguiram acessar a sala, foi pensada uma reedição, que foi realizada como uma atividade de extensão do Congresso em parceria com a SBPdePA, em 16 de novembro último.

Na modalidade on-line, participaram da apresentação os mesmos integrantes da mesa do Congresso: Ana Rosa C. Trachtenberg (SBPdePA), Heloisa Zimmermann (SBPdePA) e Laura Trachtenberg Hauser (historiadora pela Universidade Pantheon — Sorbone), com coordenação de Rosa A. Avritchi (SBPdePA). Repetiu-se a grande audiência e o debate



profícuo. As trocas afetivas e os encontros pós-pandemia foram uma marca importante do congresso, apesar da logística do local!

Devido ao número de participantes no Congresso, o local escolhido era amplo e isso demandava muito tempo de deslocamento de uma atividade para outra! O próximo congresso será realizado aqui no sul e esperamos que tenha o sucesso deste e que possamos seguir no espírito acolhedor e científico.

Recanto Sigmund Freud

HOMENAGEM: tem sua origem no provençal *omenatge* (todos da família do homem), Do latim *hominem*, acusativo de homo (dicionário Houaiss). A Diretoria de Comunidade e Cultura da SBPdePA abraçou a ideia de fazermos, de forma conjunta com toda a nossa instituição, um tributo àquele que é a base de nossa identidade profissional!

Nosso querido colega psicanalista Gley Costa trouxe a ideia, que foi muito pensada, discutida e, finalmente, aprovada em assembleia, de encaminarmos e executarmos um presente para o mundo Psi, para Porto Alegre e quiçá para o Rio Grande do Sul.

O reconhecimento e a gratidão que nutrimos pelo nosso grande psicanalista e pensador Sigmund Freud serão então compartilhados. Obtivemos, através da aprovação de uma lei, um espaço na Praça Maurício Cardoso, lugar frequentado por muitas pessoas.

Divulgar Sigmund Freud, através de uma obra de arte, é marcar a sua forte e atual presença como um dos pensadores que mais buscaram entender e ajudar o ser humano a desprender-se de suas mazelas e sofrimentos. Não somente os profissionais da área psi, mas a sociedade como um todo deve a ele essa conquista.

Fizemos inicialmente uma placa, idealizada por Vinícius Galeazzi, que gentilmente ofereceu a nós



sua criação. A partir da ideia, seguiu-se uma busca de concretizar o projeto: as placas de Aço Corten, o texto, a base de concreto, e o melhor local na praça!

Na sequência, tivemos a notícia de que o Vereador Idenir Cecchim, que encaminhou o pedido para tornar lei essa homenagem, destinando 50 mil reais para a realização de um busto de Freud, o qual deverá ser providenciado posteriormente.

Tivemos ainda o aval da Instituição Amigos da Praça, através da sua atual prefeita, a Sra. Maria do Carmo Soccol. A placa foi descortinada em 16 de dezembro, em um evento aberto, com convidados de Instituições afins, autoridades e moradores Amigos da Praça! **(Texto de Vera Elisabeth Hartmann)**

As mudanças no quadro durante o 2º semestre de 2023

Rosa Beatriz Santoro Squeff — Promoção à Função Didática

Denise Zimpek — Promoção à Função Didática

Rosana Igor Rehfeld — Ingressou como Membro Convidado

Letícia Picinin Machado Messinger — Passou à categoria de Membro Associado

Eliane Grass Ferreira Nogueira — Passou à categoria de Membro Titular

Susana Salete R. Chinazzo — Passou à categoria de Membro Associado

Ingressos no Instituto 2º/ 2023:

Aurinez Rospide Schmitz,
Evelise Bastos de Braga e
Laura Ciconet Marostica Ribeiro

Brasileira sedia “Lacan na IPA — XVI”

O encontro anual “Lacan na IPA” reúne estudiosos do autor de diversas sociedades da IPA. A cada ano é sediada em um país diferente e, neste ano, ocorreu na sede da Brasileira.

Nos dias 27 e 28 de outubro, sob organização da APdePA (Carlos Barredo), da SBPRJ (Luciana Carvalho) e da SBPdePA (Laura Ward da Rosa e Leonardo Francischelli), aconteceu o encontro anual “Lacan na IPA — XVI”, com o tema: O Psicanalista Frente aos “Ismos” e à Exclusão do Outro.

O encontro recebeu analistas de diversas sociedades da IPA, reunindo colegas do Brasil, da Argentina, do Uruguai e de Portugal. Nessa fortuita reunião, que visou aprimorar o estudo com viés Lacaniano, seguindo um formato semelhante ao das edições anteriores, aconteceram três painéis teóricos, cada um composto por três oradores e um coordenador, além de dois grupos de discussões clínicas.

Nos três painéis, intitulados “Medicalização do sofrimento? O cientificismo e a supressão do Outro”, “Con - su - mesmo / Con - su - Outro” e “A escuta do Outro limita os ismos?”, foram discutidos mal-estares e mudanças evidenciadas na clínica atual, bem como nas discussões clínicas. Partindo do viés



Lacaniano, colegas pensaram sobre o lugar da subjetividade dentro de um mundo tomado por uma cultura imediatista, dos falsos resultados rápidos e eficientes, intolerante ao lugar de cada um. Em um campo fértil, os analistas aventaram sobre a escuta de analisandos inseridos nas ditas novas configurações da sexualidade, buscando sempre entender o sujeito de cada um. Em suma, um evento de ricas trocas. **(Texto de Júlio Sperb)**

Artigos

A vontade supera as dificuldades

Gley P. Costa

Médico psiquiatra e psicanalista. Membro fundador e titular com funções didáticas da SBPdePA



Em um distante passado, numa conversa informal, um querido amigo me fez saber da divisão existente, desde há muitos anos, na sociedade psicanalítica a que pertencia, sem deixar de comentar o elevado custo que ela representava. Perguntei-lhe, então, por que não se separavam, criando uma nova sociedade, e ele me respondeu pronta e objetivamente: Dá muito trabalho!

Obviamente, eu não desconhecia essa realidade, pois não faziam muitos anos que, com psicanalistas oriundos de Porto Alegre, Buenos Aires, São Paulo e Rio de Janeiro, participara de um longo e trabalhoso processo de criação de uma nova sociedade psicanalítica, finalmente reconhecida como sociedade componente da IPA, em 2001, com o nome de Sociedade Brasileira de

Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

Sou reconhecido entre esses colegas, que, além de me presentear com sua amizade, por duas vezes me elegeram presidente, e também por duas vezes me escolheram para dirigir o instituto. A SBPdePA não somente se incorporou à minha existência, são 34 anos que estamos juntos, como também, com a passagem do tem-

po, amalgamou-se à minha identidade profissional.

A forma que me ocorreu, há cerca de 6 anos, para demonstrar a minha gratidão à SBPdePA, foi conseguir dar o nome de Vila Freud à área do Bairro Moinhos de Vento em que se encontra a sede da Sociedade, mas essa meta, após várias tentativas, revelou-se, na prática, impossível de ser alcançada. Entendi porque a Vila Freud, no Bairro Palermo, em Buenos Aires, que tomara como modelo, não é oficial. Consiste em um apelido dado por um grande número de psicoterapeutas que têm naquelas redondezas seus consultórios. Não obstante, o feito chamou a atenção da imprensa mundial e foi tema de um artigo no Wall Street Journal e de um documentário da TV Canadense.

Minha segunda tentativa foi colocar uma escultura de Freud na Praça Doutor Maurício Cardoso, endereço da SBPdePA. A dificuldade interposta consistia na necessidade de conseguir um vereador que aderisse à ideia e elaborasse um projeto de lei do legislativo para ser aprovado pela Câmara de Vereadores e, finalmente, transformado em lei municipal sancionada pelo prefeito de Porto Alegre. Desta vez obtive sucesso. Assinada em 3 de outubro de 2023, pelo prefeito Sebastião Melo, a referida

lei, que recebeu o número 13.643, denomina de Recanto Sigmund Freud o espaço de lazer localizado na Praça Doutor Maurício Cardoso, no Bairro Moinhos de Vento, estabelecendo que no local será instalado um busto do homenageado.

Os méritos devem ser compartilhados com o amigo Dr. Ricardo Alfonsin, que, também por amizade, agendou uma audiência com o Vereador Idenir Cecchim, então presidente da Câmara de Vereadores, para eu apresentar as razões de Porto Alegre prestar uma homenagem ao Criador da Psicanálise. Sendo assim, os méritos também devem ser compartilhados com o próprio Vereador Cecchim, que se aliou à ideia, elaborou o anteprojeto e empenhou-se para que ele tramitasse pelas diversas comissões até a aprovação final, além de designar uma verba de 50 mil reais para a realização da escultura.

Cabe ainda agradecer o apoio da atual Diretoria da SBPdePA, presidida pela psicanalista Astrid Müller Ribeiro, em particular da psicanalista Vera Hartmann, Diretora de Comunidade e Cultura, a qual, movida por um grande entusiasmo, assumiu o comando do processo que possibilitou a inauguração da placa de homenagem da SBPdePA que define o espaço do Recanto Sigmund Freud na Praça Doutor Maurício Cardoso. No próximo

ano, a SBPdePA vai partir para a execução da escultura.

Devemos ter presente que esta é a primeira homenagem pública ao Pai da Psicanálise prestada por uma cidade brasileira, e que são poucas no mundo, com destaque à Praça Sigmund Freud, em Viena, e às esculturas na Tavistock Clinic, em Londres; na Universidade de Medicina de Viena; no centro antigo de Praga; na Universidade de Clark, nos Estados Unidos; e em Freiberg, na Morávia, República Checa, a cidade onde nasceu Freud.

Iniciei a leitura da obra de Freud em 1965, quando me encontrava no terceiro ano da Faculdade de Medicina. Tinha então 21 anos. Agora que chego aos 80, sinto-me feliz por ter escolhido a carreira de médico, namorado por um tempo a neurologia, realizado a especialização em psiquiatria e, na sequência, buscado a psicanálise, em 1970, ano em que fui aceito na seleção do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), onde realizei minha formação como psicanalista. Em minha trajetória, Freud sempre representou não apenas a minha base teórica, mas também a minha inspiração em quase tudo que escrevi e publiquei. Com essas considerações finais, deixo também consignado, neste artigo, o meu reconhecimento e o meu amor a Freud e à psicanálise.

Palavras do artista

A Resiliência e a terra estampadas na placa do Recanto Sigmund Freud

Vinicius Galeazzi

A escolha do aço corten como suporte e parte da arte foi para evidenciar o elemento terra. O aço, vindo do minério de ferro, extraído da terra, é forjado a fogo, e vai depois receber, para o resto do tempo, ar e água: os quatro elementos presentes mostrando, cada dia mais, a cor da terra, no processo de oxidação.

O despertar do retorno à terra que a Psicanálise provoca, quando reintegra o analisando à sua situação de sujeito ativo, acolhido e protegido, integrante e participativo, do antropoceno do planeta, faz aflorar a sua resiliência, quando o reestabelece ao seu estado natural. Daí, a convivência do elemento terra com a Psicanálise, que o aço corten pretende evocar, quando esta resilia o ente

abatido, comprimido ou reprimido, e o devolve à natureza, apto para conviver, desperto seu pertencimento, apoderada sua autoestima, valorizado, protegido pela pachamama, para integrar, viver e defender o planeta que também pede ajuda, precisa que seu antropoceno reaja resiliente aos maus-tratos que está sofrendo. Ela, a terra, está dando, cada vez mais, sinais de que precisa de

ajuda, de uma Psicanálise que lhe resilie, que devolva a sua tão linda harmonia.

Quando a minha cunhada Vera Elizabete Hartmann me pediu para pensar um marco para a Psicanálise numa praça, estávamos

jantando e, como letristas em bares, peguei um guardanapo e comecei a desenhar o que entendi como proposta. Ela foi rápida, fotografou o desenho e me retornou no outro dia, todo mundo gostou.

Que bom, fico feliz de poder

alcançar à Psicanálise de Porto Alegre essa arte recheada de significado *terra e resiliência*, que seja um estímulo aos psicanalistas para despertar nos seus resilientes o desejo de amar, proteger e defender o planeta.

A transferência observada nas práticas da mediação escolar

Luciana Severo



A palavra “transferência” (1) é comum e de fácil entendimento no cotidiano brasileiro. Como definição do latim *transferentia*, significa: troca de um lugar pelo outro; remoção, mudança.

Por outro lado, estudos e aplicações da transferência nos processos psíquicos, iniciados por inúmeros psicanalistas — Freud, Ferenczi, Melanie Klein, Winnicott, Harold Searls, Pierre Fédida, entre outros — desperta, de modo continuado e crescente, a atenção até a realidade presente. A transferência incorpora o fenômeno de ser atribuído o deslocamento de pessoas do passado ao nosso presente, e, nesse viés, a psicanálise considera ocorrências na relação entre o paciente e o terapeuta, quando nela se “atualizará” e se “repetirá” o desejo do paciente em figuras/modelos infantis, parentais e seus substitutos, transportando para o analista sentimentos, desejos, impressões dos primeiros vínculos afetivos, que serão vivenciados na atualidade.

No contexto de natureza judicial e extrajudicial da mediação, método adequado de solução de conflitos, auxiliado por um terceiro imparcial, reconhecido pelo Conselho Nacional de Justiça e amparado pela Lei 13.140/2015, a transferência é claramente per-

cebida em situações nos procedimentos de mediação familiar e, conseqüentemente, nos conflitos externados na escola.

Na visão da psicanalista Marina Simões, “a impossibilidade de estabelecer laços transferenciais ocorre quando os pais não querem saber sobre o sintoma do filho. Considera que, nesses casos, não há possibilidade de transferência entre pais e analista. Os pais não questionam, mas demandam respostas, querem que o analista “cure” o seu filho, fazendo com que o sintoma que incomoda desapareça” (2).

Na mediação de conflitos familiares, comumente surgem situações idênticas à sobredita. Inúmeros conflitos apresentados têm por origem a relação entre pais e filhos, quando os genitores delegam à escola a maior parte da responsabilidade que é da família. Substituem a sua falta de tempo disponível aos filhos com diversificadas atividades extracurriculares, prejudicando, assim, a transferência entre mediador e mediando.

Na mediação, a transferência representa o que os mediadores conceituam como *rapport* (3), ou seja, o estabelecer do relacionamento caracterizado pela confiança entre mediando e mediador. Lacan expressa que “a transferên-

cia é um fenômeno em que estão incluídos, juntos, o sujeito e o psicanalista” (4) — na mediação esse entendimento vale da mesma forma.

Nos projetos de mediação escolar, observa-se também tal conceito, em que as técnicas de mediação são aplicadas e vivenciadas com as crianças e os adolescentes visando à prevenção do conflito através da cultura da pacificação. Outrossim, cabe ser lembrado que a transferência interfere na relação professor-aluno, e sendo positiva pode se constituir em forte aliada do processo ensino-aprendizagem (5). O *rapport* fortalece o elo existente entre mediadores e alunos, agilizando o bom desenvolvimento da aprendizagem das técnicas de mediação.

Vale destacar que, assim como a terapia tem o objetivo de melhorar algum ou todos os aspectos da vida (6), a mediação como ação preventiva ao conflito dentro do ambiente escolar visa estimular e orientar para a autonomia ao invés da submissão, a responsabilidade em detrimento da disciplina, a cooperação no lugar da competição e a solidariedade no lugar da rivalidade. Ambos os métodos, com suas especificidades, estão focados no desenvolvimento da melhoria do indivíduo como ser

independente e capaz de ocupar seu lugar na sociedade.

Tem-se vivenciado na prática que as técnicas de mediação empoderam crianças e adolescentes em fase escolar a fim de superarem suas desavenças de forma positiva e natural. A adequada gestão do conflito proporciona mudanças e oportunidades de transformação, propiciando novas opções impulsionadas pelos envolvidos e objetivando que solucionem seus próprios problemas.

A aprendizagem como processo de mudança de comportamento é potencializada pela experiência vivenciada por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais, contando com dinâmica e interação entre estruturas mentais e o meio ambiente (7), e, assim, propicia aos alunos desenvolverem suas habilidades e capacidades. Faz-se necessário contar com um sistema, interativo e atrativo, que cumpra a função de socialização compartilhada com a cultura, o conhecimento, as questões relacionais e comportamentais internalizadas em sala de aula.

Refere Freud que um professor pode ser ouvido quando está revestido por seu aluno de importância especial. Significa dizer que a aprendizagem não está focada somente nos conteúdos, mas, sobretudo, na questão que se impõe entre professor e aluno, e isso pode estimular ou não o aprendizado, independentemente dos conteúdos. Na relação pedagógica, a transferência faz com que o aluno se volte para a figura do professor (8). Professor é, para o aluno, aquele que sabe como ensiná-lo, e o mediador será para o aluno aquele que proporciona o ambiente seguro para suas manifestações. Em ambas as situações, o professor e o mediador carregam algo que é do aluno, e é este revestido de importância especial que lhes garantirá poder e autoridade em sala de aula.

Na análise e avaliação da transferência no campo da mediação escolar, facilmente pode ser aferido que o trânsito do aluno nas relações com o professor, o psicanalista, ou o mediador, possibilita parcerias que não devem aprisioná-lo pelo jogo que a sub-

jetividade propõe. A conexão entre conflito, aprendizado e interação impulsiona satisfatória socialização como resultado da experiência positiva e transformativa através de escuta ativa, comunicação não violenta, empatia, empoderamento, visão prospectiva, reconhecimento e vontade dos indivíduos.

Sobre a autora:

Luciana Severo é Mediadora Judicial e Privada. Sócia da Acrópole Câmara Privada de Mediação e Conciliação. Mestra em Solução de Conflitos — AMBRA University/USA. Pós-graduada em Técnicas de Negociação, Conciliação, Mediação e Arbitragem — UNIVALI/SC. Designer de Conflitos Escolares. Especialista em Políticas Públicas — AMBRA University. Formação e Aperfeiçoamento na "Primera visita técnica intensiva sobre Mediación Escolar em Buenos Aires". Participou da primeira turma de Mediação no Contexto Escolar — Universidade Lusófona do Porto — Portugal. Coautora do livro *Mediação de Conflitos na Escola: Cenários, Sentidos e Perspectivas*.

Referências:

- (1) Houaiss, 2010, p. 765
- (2) Saiba mais em: <https://www.institutopsicanalise-mg.com.br/index.php/o-manejo-da-transferencia-diante-da-demanda-dos-pais>
- (3) *Rapport* é uma palavra de origem francesa (rapporter), que significa "trazer de volta" ou "criar uma relação". O conceito de rapport é originário da psicologia, e é utilizado para designar a técnica de criar uma ligação de empatia com outra pessoa, para que se comunique com menos resistência.
- (4) LACAN, J. (1964). "O sujeito e o Outro (II): A afânise" In: O Seminário. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985/2008, p. 225.
- (5) PEREIRA, Maria da Paz. Algumas contribuições da psicanálise à psicopedagogia: a transferência da relação professor-aluno. Boletim da Psicologia Vol. LXVIII, Nº 146: 025-036, p. 36.
- (6) Vide: <https://inpaonline.com.br/sessao-de-terapia-psicologica/>
- (7) HANZE, Amélia. Colunista Brasil Escola. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/o-que-e-aprendizagem.htm>
- (8) FREUD, S. (1969). Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914a).

Desenquadre

Celso Gutfreind

Psicanalista e escritor. Membro Titular em Função Didática pela SBPdePA



Falamos muito em enquadre, mas pouco no quanto ele pode ser ampliado, modificado, reapro-

veitado. Desde a inauguração do meu consultório, no começo dos anos noventa, considerei massa a

ideia. Com a degradação da segurança pública, nas últimas décadas, hoje a considero menos, mas

a manteve por comodidade. Deixo aberta a porta da sala de espera, permitindo que a paciente entre antes de eu ter chegado. Comodidade garantida para os dois. Entre a sala de espera e a principal, uma porta devidamente fechada só é aberta quando chego.

Sara estava, como sempre, na poltrona da direita, esperando com os olhos vidrados na parede em frente. Cumprimentamo-nos, eu disse o meu tradicional “começamos em dois minutos”, mas foi enfiar a chave na porta intermediária que ela emperrou na fechadura. Depois uma tão leve forçada e ela se quebrou diante de nós, com parte da chave irremediavelmente presa nas profundezas do buraco mínimo.

Oooh, vociferou Sara, em uma manifestação incisiva e inédita em seus quatro anos de análise. Depois de pensar por um minuto, ofereci a ela três alternativas: na primeira, a sessão estava suspensa, por força de motivo maior. Na segunda, eu trancaria a porta de entrada e, como o intervalo seguinte seria longo, poderíamos fazer a sessão ali mesmo, bastava recuar a poltrona da esquerda e já estaríamos no face a face. Como ela ainda

não era adepta do divã, achei essa a melhor solução, já que a terceira e última — esperarmos o chaveiro fazer o conserto — não parecia cronologicamente verossímil.

Sara optou pela terceira. Virou a cadeira para a minha frente e começou a assistir com muita atenção às ligações para o chaveiro de confiança. Não menos interesse ela demonstrou com a chegada dele e suas conversas comigo. O chapa (eu chamava assim o Adenor) não se intimidou com a presença de Sara e, enquanto fazia o serviço, trazia os mesmos assuntos de sempre: a abobadice de um dos porteiros do prédio, as chances do Grêmio na Libertadores e as obras da esquina que não avançavam por causa, segundo ele, de uma corrupção na prefeitura.

Sara via e ouvia entusiasmada aquela espécie de cena primária ou secundária ou terciária e parecia não perder nenhum detalhe das atitudes e da postura de seu analista diante do imprevisto e de sua solução. Não é preciso dizer que o final do imbróglio já havia ultrapassado em muito o horário de Sara e o intervalo largo para o próximo paciente manteve-nos os três a sós.

O chapa saiu depois daquele abraço macanudo de sempre e só não o replicou em Sara, pois ela, nessa hora, voltou-se novamente para a parede. Sara, pelo menos até ali, nunca foi muito boa de despedidas. Depois que o chapa saiu, despedimo-nos, eu e ela, não antes de eu dizer que não considerasse o pagamento daquela consulta que, afinal, não tinha acontecido.

Ao final do mês, que já estava próximo, seriam 11 sessões, sem aquela. Sara pagou 12, no que pareceu um ato falho, mas não era. Lembrada da proposta feita na sala de espera, ela fez questão de pagar. Alegava o quanto havia sido importante testemunhar a minha calma diante de uma situação “dramática” como aquela. Também apreciou e muito a minha relação com o chapa, marcada por um afeto retomado por ela, muitas vezes depois.

Desde então, Sara passou a alternar a espera entre as poltronas da esquerda e da direita. E, lá dentro, foi para o divã. Com o tempo, a importância daquela sessão para a sua análise só foi crescendo, oferecendo benefícios provavelmente inacessíveis ao enquadre habitual.

Democracia e liberdade: a inquietante luta na psicanálise e na vida

Graziella Comelli da Silveira

Psicóloga (PUCRS), Especialista em Saúde Mental Coletiva (ESP-RS) e Membro do Instituto de Psicanálise da SBPdePA

O tema inquietações convidame a pensar sobre os processos de construção da democracia e da liberdade, lutas que entendo como humanitárias, sobretudo. Tais lutas começam no grande e inquietante desafio que é tornar-se gente na vida e no mundo, e neste trabalho, conversam com a

escolha de tornar-se uma analista. Revisitando Freud, o fundador inquieto, penso que não à toa ele dedicou-se a escrever e pensar o tema do Inquietante. Gostaria de retomar sua observação a respeito do novo no texto “O Inquietante” (1919). Ele escreve: “Pode-se dizer que algo novo torna-se facilmen-

te assustador e inquietante; algumas coisas novas são assustadoras, certamente não todas. Algo tem de ser acrescentado ao novo e não familiar, a fim de torná-lo inquietante” (p. 331-332). Afirma, no mesmo texto, que a Psicanálise, por se ocupar em desvendar “forças secretas”, possivelmente



se tornaria algo inquietante para muitas pessoas. Também fala sobre as muitas liberdades dos escritores ao criarem histórias que podem contar aos leitores algo que coincide com a realidade que nos é familiar ou distancia-se dela.

Suas ideias me levam a fazer um enlace com a dimensão da luta histórica pela conquista de Direitos Humanos, e sua eterna busca por assegurar a proteção do sujeito e suas liberdades dos abusos cometidos pelo Estado. Tal conquista só pode se dar diante da consolidação da Democracia nos Estados. Diante de tratados e acordos firmados, esses direitos, reconhecidos pelas Constituições, passam a ser considerados garantias fundamentais. Entretanto, sabemos que esses direitos não estão dados nasociedade e nas instituições, precisam ser conquistados, historicamente, através de lutas reais e simbólicas. Sabemos que a desumanização de determinados segmentos da população, historicamente difamados, tem como consequência a alienação em relação a seus direitos fundamentais. Há um extermínio simbólico, fruto de preconceitos tecidos historicamente e arraigados nas subjetividades, inclusive das próprias vítimas, o que antecipa o seu extermínio concreto. (Wyllys, 2014)

Seguindo o fio das inquietações, chego nas minhas, estou falando do lugar de uma mulher cisgênero, com trinta anos, branca, classe média, heterossexual, finalizando seu primeiro ano em uma formação analítica no sul do Brasil, filiada à IPA. A Psicanálise que conheço, a partir de minhas vivências, acontece na América Latina, e sua história no Brasil está profundamente ligada ao tema da democracia e da liberdade. Christian Dunker (2015), em seu livro "Mal-estar, Sofrimento e Sintoma", fala sobre a Psicanálise no contexto histórico da Modernidade Brasileira. Conta o caso de um médico que fazia sua formação

em Psicanálise e trabalhava simultaneamente no aparato militar de repressão, sua função neste local era manter as pessoas que estavam sendo torturadas, durante interrogatórios, acordadas. O médico e analista em formação pede ajuda a seu analista diante dessa situação e compartilha o problema com os companheiros de instituição, mas não recebe uma resposta. Dunker (2015) propõe que há um claro compromisso entre individualismo e burocracia neste ocorrido, pois era preciso cumprir sua função mesmo que isso representasse uma abstinência baseada na desertificação do lugar do outro, des-responsabilização e des-autoria. Observa que, a partir dos anos 1970, os Psicanalistas que vinham da Argentina, ou os que voltaram do exílio em centros europeus, traziam uma consciência mais clara sobre colonização e, historicamente, há uma benéfica influência crítica para a Psicanálise no Brasil. Por aí se dá a origem do lacanismo brasileiro, como chama o autor, com a seguinte provocação feita por esse movimento: não é a Psicanálise que não nos quer, somos nós que não queremos a Psicanálise da forma como ela se encontra. A partir disso, Dunker (2015) entende que se formam gerações de clínicos inspirados por noções como desejo do Psicanalista, ética da Psicanálise e transferência de trabalho, engajados na renovação da racionalidade diagnóstica, de práticas de transmissão e de institucionalização da Psicanálise. Olhando para a nossa história, é possível reconhecer os caminhos que já foram percorridos até o momento, mas também consigo enxergar horizontes que apontam para o novo, e quem sabe o inquietante, que insiste e resiste ao nos acompanhar no percurso que é uma formação em Psicanálise.

Maria Rita Kehl (2002), em seu livro "Sobre Ética e Psicanálise", trabalha a ideia de que a ética da Psicanálise é uma ética da investigação, na qual a dúvida sempre

pode abrir uma brecha na fortaleza das certezas imaginárias. A autora afirma que se trata de uma disponibilidade para questionar as certezas. Apoiada na ideia de Lacan, acredita que uma análise cria um analista a partir de um analisando. Diz que é preciso tornar-se autor de seu próprio destino, cuja obra é feita em parceria com um desconhecido, a dimensão da determinação inconsciente que nenhuma análise tem o poder de desfazer. A partir disso é possível ser mais inventivo, capaz de improvisar caminhos e soluções à medida que aceitamos a condição de desamparo fundamental. Penso que a dimensão ética em Psicanálise funciona como uma bússola nesse percurso do não saber, que começa ao ser uma analisanda, rumo a tornar-se uma analista. E quem sabe essa mesma bússola seja a inquieta companheira nas lutas humanitárias, que sempre buscam por um reconhecimento de existências, autonomias, autorias, protagonismos nas muitas histórias que são escritas todos os dias vida afora de forma singular, mas também coletiva.

Na trilha de caminhos possíveis rumo à liberdade e à democracia, observo e escuto histórias de mulheres, analisandos, analistas e movimentos sociais que têm como parte fundamental de suas lutas diárias o caminhar pela cidade em que vivem. Entendo que esse gesto não é tão simples quanto pode parecer, trata-se de ocupar, dar corpo, movimento e voz às andanças pelo mundo. A sabedoria contida no ditado popular que diz "o caminho se faz andando" pode ajudar a pensar a importância desse caminhar, principalmente para sujeitos que têm suas existências constantemente violentadas, marginalizadas e vulnerabilizadas no laço social. Lauren Elkin (2016) propõe a ideia de Flâneuse para pensar as mulheres que caminham nas cidades, uma definição imaginária, forma feminina de Flâneur, uma ociosa,

uma observadora errante, normalmente encontrada em cidades. A autora trabalha a perspectiva de que um espaço que ocupamos, em uma cidade, não é neutro. Esse espaço é constantemente refeito e desfeito, construído e imaginado por seus habitantes. Entende que uma cidade é feita de fronteiras invisíveis que demarcam quem vai para onde e determinam nossa circulação nos espaços. Diante disso, faz uma provocação: com a tomada de consciência sobre a existência dessas fronteiras invisíveis é possível desafiá-las, é preciso reivindicar pelo direito de perturbar a paz, de observar (ou não observar), de ocupar (ou não ocupar) e de organizar (ou desorganizar) o espaço conforme nossos termos.

Falar do tema da liberdade e da democracia requer uma boa dose de coragem, encontro e reencontro, esperança e inspiração na música popular brasileira, durante minhas andanças. Em 2021, quando nos faltava o ar, e circular pela cidade era assustador, encontrei a biografia de Ney Matogrosso, escrita por Julio Maria. Ler essa história me salvou um pouco, e acredito que não só a mim. Ney nunca quis ser um representante de seus potenciais iguais, muitas vezes tentaram apontá-lo como "o gay do Brasil". Sua luta sempre foi por justiça social e uma liberdade incondicional de todas as ideias humanistas. Entendia a importância do que havia feito quando era procurado por homens e mulheres de todas as orientações sexuais que vinham lhe agradecer por inspirá-los a se revelarem para o mundo como seus corações pediam que fossem. Essas histórias o fortaleceram para que trilhasse um caminho, mesmo que vivesse em um mundo de prisões e torturas. Para encerrar essa emocionante biografia, Julio conta uma cena recente de Ney no seu sítio,

e finaliza de forma poética: "... era preciso estar no lugar e na hora certa, quando o sol não queimasse mais, as árvores silenciassem e os vivos e os mortos, o fantástico e o real, as memórias e o presente, o silêncio e as canções e os humanos, os animais, e todas as formas de amor se libertassem do medo para habitarem o único lugar onde tudo poderia se misturar. Um lugar chamado fronteira." (p. 452)

Considero importante trazer referências que estão fora do corpo teórico da Psicanálise para pensá-la além muros, e aproximá-la da



vida das pessoas, da cidade e do mundo. Entendo que seus principais conceitos só puderam nascer a partir dessas andanças inquietas de analistas que estavam escutando sujeitos em seus consultórios, mas também estavam em um espaço não neutro no mundo. E tal luta por democracia e liberdade só é possível nessa fronteira, entre o singular e o coletivo. Pensar a fronteira como lugar fértil para que o novo possa surgir, e o inquietante se manifestar, me parece um horizonte viável, no sentido da resistência da Psicanálise, assim como de sua renovação. A fronteira, esse espaço tão controverso, é historicamente marcada como terreno de grandes disputas e confrontos por demarcações e afirmações de um povo, de uma cultura, de um lugar para viver, ocupar e trabalhar. Na psicopatologia, fronteira trata-se de um termo comumente usado para falar de sofrimentos

que transitam, se aproximam e se afastam em diferentes zonas do aparelho psíquico, resultando em estados "fronteiriços". Algo que ainda não se deu, não está constituído, encontra-se aberto, com falhas importantes, algumas marcas que tentaram se acomodar, mas não puderam, seguem inquietas, fazendo barulho, causando dor. E quem de nós não é feito de fronteiras? Algumas mais pacificadas, outras nem tanto, vamos tentando entender esses espaços, seus trânsitos, apostando em caminhos e caminhadas possíveis. Geralmente é nas fronteiras que

nascem novas linguagens, misturam-se idiomas, culturas, e desse encontro inusitado revelam-se palavras, expressões e sotaques diferentes. Outros jeitos de tentar expressar o que se sente e pensa, em um mundo que está em constante mudança. Sinto, desde o lugar que ocupo, a necessidade de um resgate profundo do reconhecimento da diferença,

o que podemos chamar de alteridade em Psicanálise. Sem essa dimensão como horizonte, penso que não há Psicanálise possível, muito menos qualquer tentativa de consolidação democrática nas instituições que a exercem.

Para finalizar este trabalho, com o intuito de abrir inquietações, escolho trazer a pintura "God save America" (2004), de José Gamarra, que tive o prazer de conhecer na exposição "Antologia", na Fundação Iberê Camargo, este ano, em Porto Alegre. Em uma entrevista, concedida em 2022, o artista plástico uruguaio diz: "Eu estava ciente da situação na América Latina. Toda complexidade política da época, que ainda existe, me fez refletir muito. Tudo isso me levou a observar diferentes situações: a guerra, a invasão, a produção, as armas. Olhando as telas, traçava a história. As pinturas explicam situações." (Perdigón, 2023)

Referências

Dunker, C. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo. Elkin, L. (2016). *Flâneuse: mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres*. São Paulo: Fósforo, 2022. Freud, S. (1919). O Inquietante. *Sigmund Freud Obras Completas*. Vol. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Kehl, M. R. (2002). *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo:

Companhia das Letras. Maria, J. (2021). *Ney Matogrosso: A biografia*. São Paulo: Companhia das Letras. Perdigón, H. (2023). Entrevista de Heber Perdigón com José Gamarra. Em Aguerre, E.; Possamai, G. & Perdigón, H. (Orgs.), José Gamarra: antologia. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo. Wyllys, J. (2014). *Tempo bom, tempo ruim: identidades, políticas e afetos*. São Paulo: Paralela.

Metal é vida! E a vida não é fácil!

Luiz Augusto Ferreira Araújo

Produtor — Bravo Metal Mgmt



O Metal é um estilo musical que parece estranho para a maioria das pessoas, “é muito barulhento”, “não dá pra entender”, “é agressivo”. E quem diz isso está coberto de razão. O Metal, via de regra, tem arranjos complexos, letras complexas — muitas vezes gritadas de forma que só é possível entender bem quando as lemos — e expressa muita agressividade. Algo que ilustra isso bem é que a “dança” do metal é o “mosh” — quando se abre uma grande roda no meio do público e as pessoas ficam se trombando. Temos também o “stage dive”, que é quando alguém pula do palco em cima da multidão.

O que sempre me atraiu no Metal tem a ver com todas essas coisas, e acredito que isso acontece com a maioria dos fãs. O Metal cria um espaço para que a gente possa expressar agressividade e extravasar. Ouvir e/ou cantar uma música de metal pode ser catártico a qualquer hora, em qualquer lugar, e essa catarse vai ao nível máximo nos shows ao vivo. Por mais que participar de um show ao vivo possa parecer arriscado, é exatamente ao contrário: quando alguém cai, o outro ajuda a levantar, quando uma trombada é forte demais, muitas vezes se pede

desculpas, e quando você precisa de alguém para se trombar, ou mesmo que seja só para “bater cabeça” junto, sempre tem alguém disposto.

Assim como acontece nos estádios de futebol, há uma sensação muito forte de fraternidade e pertencimento nos shows, com a vantagem de que todos vão com as mesmas intenções e apoiando algo em comum: as bandas.

Além de um estilo musical, o Metal é uma subcultura: tem suas próprias artes, suas tendências visuais, seus “uniformes”, seus costumes, seus gestos — o mais famoso é fazer os “chifrinhos” com as mãos. Tudo isso pode variar dependendo da região, mas no mundo inteiro os metaleiros são reconhecidos por suas camisas de bandas predominantemente pretas, geralmente com imagens ricas e impactantes. Quase metade de todas as minhas roupas tem um vínculo direto ou indireto com o metal, e isso é regra para qualquer metaleiro de longa data. Comecei com esse costume na adolescência e nunca mais quis deixar de lado. As pessoas costumam dizer que, quando me encontram, ou estou com uma camisa de Metal, ou com uma camisa do meu time. Ver outra pessoa na rua com uma

camisa de banda é sempre legal, principalmente com a camisa de uma banda que você gosta muito. É natural fazer um comentário, um gesto — seja acenar com a cabeça, seja o chifrinho com as mãos, seja elogiar a camisa —, e esses contatos podem tanto durar poucos instantes, como deles podem surgir belíssimas amizades e relacionamentos.

Aprendi a gostar de Metal por influência do meu irmão mais velho. Também era algo estranho e barulhento quando eu tinha 9 anos de idade, mas logo comecei a sentir uma conexão forte, a entender as complexidades, a processar os arranjos e as letras e a me entregar às emoções que tudo isso gerava em mim. Acredito que todo mundo que gosta de Metal começa a gostar por influência de alguém que considera importante ou marcante em sua vida, ou por alguma vivência importante que surgiu em conexão com esse estilo.

Há mais ou menos 4 anos comecei a acompanhar mais de perto a banda de um amigo, a Rage In My Eyes. Por ser fã e por serem uma banda em ascensão no Rio Grande do Sul, acabei me envolvendo cada vez mais e assumi o papel de empresário e produtor deles, o que também inspirou a

fundação da produtora Bravo Metal Mgmt, que criei junto com outro amigo e sócio que também é fã e apoiador do Rage In My Eyes.

Com a produtora, descobri o “outro lado da moeda”, o de não ser apenas fã, mas de também ser um organizador de shows. Como qualquer área, o mercado é difícil para novos participantes. A concorrência é enorme e o espaço que as pequenas bandas e produtoras conseguem é bem pequeno em comparação com as grandes bandas e produtoras já estabelecidas e adoradas pelas massas. Algo paradoxal que tenho percebido é o quanto as pessoas do meio reclamam que há poucos eventos de metal, mas ao mesmo tempo não comparecem aos eventos menores e locais. Apenas os grandes eventos com grandes bandas são prestigiados em massa, apesar de

seus ingressos com valores bem altos. Talvez o maior desafio da Bravo Metal hoje seja descobrir como transmitir aos metaleiros o quanto é fundamental que criemos uma cultura, um costume de comparecer e prestigiar a cena local de Metal.

Minhas percepções do metal como fã e como produtor são bem conflitantes, apesar de fazerem parte de um mesmo todo. Como fã, sempre percebi e senti que existe muita união, fraternidade e apoio entre os metaleiros, mas como produtor me parece que essas características não vão muito além das relações diretas que surgem entre metaleiros uma vez que já estão presentes num show, ou num evento ou situação presencial que tenha a ver com Metal. Minha “microperspectiva” de fã levaria a acreditar que os metaleiros seriam

bem abertos a apoiar novas bandas, locais e iniciativas, mas minha atual “macroperspectiva” de produtor aponta que não é o caso.

Ainda assim, o Metal é sem dúvida um estilo de música que toca seus fãs profundamente e que proporciona emoções, momentos e trocas muito intensas entre muitas pessoas no mundo inteiro. Resta descobrir como podemos transformar esse sentimento de comunidade abstrato em algo mais concreto e palpável para que as cenas locais de metal possam se fortalecer cada vez mais.

Para quem quiser saber mais sobre a história e a cultura do Metal pelo mundo, recomendo fortemente os documentários a seguir, produzidos e dirigidos pelo metaleiro antropólogo Sam Dunn: Metal — A Headbanger’s Journey e Global Metal.

Transmissão

Diretoria Administrativa - Primeira gestão frente à Brasileira em expansão

Augusta Gerchmann

Siana Pessin Cerri

Ao mesmo tempo em que estamos fazendo nossa apresentação no Jornal da Sociedade, aproveitamos para realizar um balanço de nosso trabalho e a despedida como grupo, como também a despedida da Diretoria biênio 2022-2023.

Aceitar o convite da Presidente Astrid Ribeiro foi um grande desafio, à medida que teríamos que constituir uma diretoria que não existira até então, necessidade que se fez premente frente ao crescimento que o Instituto de Psicanálise e a SBPdePA vivem desde a entrada da primeira turma de formação psicanalítica em 1995. Como todo desafio em uma Diretoria não deve vagar solitário, a nossa parceria

deveu-se às afinidades, bem como ao conhecimento e à experiência prévia na área organizacional, cujo objetivo e preocupação partilhados visavam, tanto quanto possível, ao funcionamento saudável da Sociedade e do Instituto de Psicanálise.

Assim nos coube começar a pensar na administração da qual nossa sociedade estava carente... Nessa época, nossa Sociedade estava voltando a funcionar normalmente, com o time de funcionárias presentes na sede e todas as suas atividades e as do Instituto retomando seu fluxo. Como retomar a engrenagem e fazer alguns ajustes depois de dois anos on-line e vivendo intensamente



as repercussões da pandemia? Como implantar a nossa diretoria? Qual era a nossa função? O que nos cabia? E assim fomos desenhando a diretoria e a nossa equipe.

Entre as diversas atribuições da Diretoria Administrativa, preservar o funcionamento da Instituição como um todo, buscando soluções e novas formas de trabalho para os diferentes desafios organizacionais apresentados, observando e garantindo o cumprimento das normas estabelecidas pelo Estatuto da SBPdePA foi — e ainda é — o nosso principal objetivo. Muitas reuniões e ajustes com as funcionárias foram realizados, resultando na saída de algumas colaboradoras da Sociedade e na entrada concomitante de outras. As mudanças no quadro da secretaria possibilitaram sua nova configuração e, por consequência, gerou um novo funcionamento do grupo, sobretudo com melhor integração entre todas. A descrição de cargos, tarefas e a função de cada uma de nossas colaboradoras foi uma das pautas da nossa gestão, para apropriarem-se de suas atribuições e todos os membros ficarem a par e saberem a quem recorrer em cada situação especificamente. Dessa forma, fomos lapidando nossa equipe, sempre com muito auxílio da Diretoria da Sociedade.

Inicialmente, realizávamos reuniões mensais com toda a equipe, momentos em que escutávamos e discutíamos assuntos administrativos da Sociedade. Uma sugeria ideias para outras, debatíamos desde a pintura da casa até temas psicanalíticos — elas iam perguntando e entendendo o funcionamento da instituição, e o trabalho em equipe foi se consolidando com mais força. A comunicação era um

tema muito discutido nas reuniões: a importância de a diretoria da Sociedade se comunicar diretamente com a secretaria, esclarecendo suas decisões, assim como com a Diretoria do Instituto e da AMI. Muito falamos da importância das regras e de novas normativas serem transmitidas para toda a equipe, já que é na secretaria que as tarefas são operacionalizadas, buscando-se um funcionamento saudável e transparente na Sociedade e no Instituto de Psicanálise. Assim, fomos fortalecendo uma realidade que se impõe, as diretorias mudam a cada dois anos, enquanto o quadro de colaboradoras na secretaria se mantém e deve manter as diretrizes que sustentam a organização e execução da Sociedade e do Instituto de Psicanálise, desde seu Estatuto e Regulamento, até os seminários e as atividades científicas em todas suas Diretorias e seus segmentos.

Hoje, estamos nos despedindo, mas a integração da equipe, o respeito e o comprometimento do grupo chamam nossa atenção, levando-nos ao sentimento de dever cumprido. Todas estão debruçadas sobre suas tarefas, solidárias às colegas e identificadas com a Sociedade, o que pôde ser demonstrado ao longo do ano nos preparativos da Jornada e na execução de toda a sua organização, em sintonia com nossos objetivos, alcançados por excelência. Dessa forma, queremos muito agradecer o trabalho e a parceria de Ana Cristina Freitas, Clarice da Luz Rodrigues, Denis Regina de Oliveira, Maria Helena Prestes, Micaela Feijó Wünsch e Rosimere Silvano da Cunha. Todas juntas, em conexão, conseguimos crescer, fortalecendo o grupo e a Sociedade. À nova diretoria, desejamos sucesso e uma ótima gestão!

Centro de Atendimento Psicanalítico - Gestão 2022/2023

Rosa Avritchir

Psicóloga e Psicanalista, membro associado SBPdePA

Ao receber o convite da Astrid para coordenar o CAP, senti um frio na barriga. Pedi uns dias para pensar. O convite foi muito carinhoso, e sempre gostei muito de trabalhar em grupo. Como o CAP já me era familiar, aceitei o desafio, sabendo que teria o apoio de todos.

Convidei Claudia Heatinger, Gustavo Gazzana Flores e Nora Pastori Steffen para comporem a equipe. Com o aceite deles, eu me senti amparada,

e o trabalho transcorreu com muita parceria e criatividade.

As ações do Centro foram, assim, uma criação coletiva. As demandas vieram das reuniões administrativas mensais que fazíamos com colegas do CAP.

Desenvolvemos as seguintes atividades:

- “Conversando com Ana Paula Terra Machado sobre Alta Frequência” — 13/04/2022;



- "Atendimento Psicanalítico e a Prática Clínica" — Nilde Parada Franch — 29/06/2022;
- "Quais os lugares do dinheiro e do pagamento na Psicanálise?" — Luiz Eduardo Moreira, Rosa Beatriz Santoro Squeff — 08/09/2022;
- "O Atravessamento do Dinheiro na Clínica" — Augusta Gerchmann e Cesar Antunes e vinhetas de Cláudia Heatinger, Gustavo Gazzana Flores e Nora Pastori Steffen — 23/11/2023 (ao final da atividade, realizamos a confraternização);
- "Neutralidade e abstinência: uma discussão sempre aberta" — Lores Pedro Meller, Heloísa Zimmermann e Ana Cláudia Meira — 16/03/2023;
- "O percurso ao Divã" — Silvia Skowronsky, conversando com Ana Cristina Maltchik Lewin e Graziella Comelli da Silveira — 14/06/2023;
- "A Sustentação da Análise" — Lísia Leite — 23/08/2023;

- "A Análise de Crianças e Adolescentes" — Eluza Maria Nardino Enck - 18/10/2023;
- "Estupidez no Campo Analítico" — Roosevelt Cassorla — 08/11/2023.

Nossa última atividade será uma confraternização. Gostaria de fazer agradecimentos muito especiais a todos os que contribuíram para as atividades do CAP e a todas as parceiras e parcerias da secretaria, com um abraço especial a Denis.

Participar da Diretoria foi uma experiência muito produtiva, uma vez que trabalhei com colegas que me mostraram pontos de vistas diferentemente ricos. O trabalho vincular foi intenso e promoveu muito crescimento.

Foi, portanto, uma honra e uma satisfação trabalhar com Astrid Ribeiro, Cesar Antunes, Augusta Gerchmann, Cibele Couto, Heloísa Zimmermann, Rodrigo Boettcher, Sandra Bertoldi e Vera Hartmann.

Agradeço a confiança depositada pela SBPdePA. Um abraço carinhoso em todos.

Diretoria de Comunidade e Cultura - Gestão 2022/2023

Vera Elisabethe Hartmann

Diretora de Comunidade e Cultura SBPdePA



*"É belo como o caderno novo quando a gente o principia..." **

Esta foi a emoção que senti quando a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre confiou em mim para conduzir esse espaço! Aqui estava o meu caderno... eu tinha algumas ideias do que desejava escrever, tinha algumas ações para pensar, mas sabia que as folhas teriam margens que deveriam ser respeitadas e linhas que iriam sustentar e delimitar minha escrita.

No início, foi difícil diante de tantos desafios! Só quem já iniciou um caderno sabe como é bom, mas sabe também quanto cuidado ele exige!

Às vezes quase saí da margem ou passei a linha. Outras, borrei ou errei a letra. Sei que são vivências de quem está se arriscando e tentando ser criativa.

Lamentei muito ter que deixar uma página em branco quando, em função do cargo, precisei me desligar da comissão Ubuntu.

A proposta de levar adiante essa diretoria me foi transmitida com muito carinho pela colega Caroline Milmann, a quem agradeço com muito apreço. Assim, me ajudou para que eu desse os primeiros passos com a segurança de quem não está só.

A equipe de trabalho, parceiros do dia a dia, era igualmente nova e desafiadora. Felizmente, nossa Presidente Astrid Ribeiro e nosso vice Cesar Antunes foram muito continentais e, apesar dos percalços iniciais de um grupo novo, sua condução foi sempre serena. As decisões e as angústias foram recebidas e trabalhadas de maneira coerente, apoiadas no modo de ser de cada um. Com o carinho, a competência e o zelo que lhes são peculiares. Isso fez toda diferença.

Hoje, fazendo uma retrospectiva, testemunho quanta troca, quanto crescimento e companheirismo aconteceram nessa diretoria resiliente. Meu sincero *obrigada!*

A equipe que me acompanhou, composta pelas colegas Angela Schwerz, Carmen Prado, Denise Zim-

pek, Nicole Campagonolo, Paula Sarmento Leite, Vera Viuniski e Helena Surreaux, foi de uma disponibilidade ímpar, e com certeza a elas devemos o sucesso e o grande aproveitamento de todas as atividades.

Os Grupos de Estudos, coordenados por colegas que gentilmente cederam seu tempo para o engrandecimento da nossa Sociedade e o fortalecimento do conhecimento de tantas pessoas, sempre são fundamentais para seguirmos nossos princípios. Agradecemos com muita consideração às colegas Ana Rosa Trachtenberg, Cynara Kopittke, Christiane Paixão, Helena Surreaux, Ester Litvin e Mara Horta Barbosa e ao colega Renato Trachtenberg.

A Área de Transmissão da Psicanálise, liderada por Helena Surreaux, foi, durante esses dois anos, exemplar, extremamente profunda e comprometida. Os cursos de férias, como o extensivo "Prints da Adolescência na Contemporaneidade: uma atualização psicanalítica", têm sido muito valorizados e elogiados pelos participantes. Agradeço a todos os colegas que ministraram os seminários dessas atividades.

E a nossa Jornada! Foi pensada por toda a diretoria, e liderada pela querida Cibele Couto. Seu apoio e o da equipe organizadora foram de suma importância para contarmos vários Cursos de Psicologia do Estado do RS, através dos quais, ministrando os seminários on-line, pudemos transmitir conhecimento e divulgar nossa Jornada, com a importante participação de vários colegas. Nesse processo, conseguimos acessar a imprensa local para ampliar ainda mais o tema tão importante que a jornada propunha! Obrigada, Cibele.

Nossa escrita, às vezes, borrou feio a linha e quiçá as margens, porém a Diretoria de Divulgação, com a coordenação da colega Heloisa Zimmermann, com sua inteligência e cuidado, segurou o caderno e a folha não precisou ser descartada!

Durante esse período, a presença constante e acolhedora da colega Rosa Avritchir, que contribuiu

para que segurássemos adequadamente o lápis e nos mantivéssemos "na linha", foi essencial.

A vibração do colega Rodrigo Boettcher, quando nossas atividades fechavam com muitos participantes e não oneravam a instituição, sempre foi muito estimulante para prosseguirmos investindo.

A organização da Diretoria Administrativa, através do trabalho e da dedicação da colega Augusta Gerchmann, deu muita sustentação para que a secretaria, a biblioteca e a sede, de maneira geral, fossem muitas vezes a base para as linhas seguirem retas.

A experiência, que inicialmente veio com um "susto", foi transformada numa vivência única e muito rica, graças a essa equipe que colaborou e estimulou todo o trabalho.

Estamos agora nas últimas páginas desse caderno! A sensação é de missão cumprida e lição feita; mas, claro, em paralelo, a ideia de encerrar essa gestão já traz nostalgia. Vai deixar saudades, mas sabemos também que nossa participação na sociedade seguirá.

Agradecemos em especial a nossa Diretoria de Publicações, através da colega Sandra Bertoldi, pela oportunidade desse depoimento, registro e transmissão para novas colegas!

Na certeza de que novas ideias virão, de que o conhecimento e a ética serão sempre nossos lemes, que a integração junto à Comunidade e a Cultura serão sempre prioridades, me despeço.

Que o novo caderno a ser aberto seja:

"Belo porque tem do novo a surpresa e a alegria

Belo como a coisa nova na prateleira então vazia.

Como qualquer coisa nova inaugurando seu dia"...

Referência

*Joao Cabral de Melo Neto — trechos de "Morte e Vida Severina"

Final da gestão

Cibele Formel Couto

Diretora Científica

"Caminante, no hay camino se hace camino al andar." (Antônio Machado)

Ao receber o convite da nossa atual presidente, Astrid Ribeiro, para assumir a Diretoria Científica

da Sbpdepa não tinha ideia do que seria viver esta caminhada. Naquele momento, fiquei emocionada e pensei: por que não me doar à minha Sociedade que já me deu tanto? Assim, um pouco no escuro, fui



adentrando nesse caminho percorrido ao longo dos últimos dois anos.

Ter participado de comissões científicas anteriormente, com psicanalistas que admiro, coordenando essa pasta, primeiro, com a Silvia Skowronsky e, posteriormente, com a Eliane Nogueira, as quais me ensinaram muito, foi fundamental para me apropriar da tarefa de coordenar a pasta da Diretora Científica. Aqui, pontuo a importância da vivência do quarto eixo na formação, pois na participação das atividades institucionais vamos crescendo e nos integrando a essa casa que carinhosamente chamamos de Brasileira.

Inicialmente com pequenos passos, fomos construindo um caminho que, na medida que seguimos, foi sendo percorrido com passos firmes e seguros. A caminhada não existiria sem a minha Comissão Científica, composta pelas colegas Camila de Araújo Reinert, Claudia Kowarick Halperin, Clarissa Leonardi Padilha, Fabiana Britto Grass, Fernanda de Azevedo Bortoli Felipe, Kellen Anchieta, Luciana Saraiva Schmal e Renata Mânica. Vocês todas foram fundamentais para que tudo o que pensávamos pudesse se tornar algo realizável. E, assim, realizamos muitos eventos, sempre com a preocupação de transmitir a psicanálise contemporânea, mas nunca, sem perder os fundamentos freudianos. A nossa Jornada "Adições e Dependências, Reflexões e Transformações" foi um grande exemplo do que foi nosso trabalho, um sucesso, em termos de público, em um evento híbrido, mas principalmente por ter sido um evento de grande aporte psicanalítico. Foi um evento no qual a Brasileira pôde mostrar, mais uma vez, a sua força e seriedade na psicanálise. Acredito

que, desde a sala de análise até a vida institucional, nunca estamos sozinhos, e, portanto, agradeço do fundo da minha alma por ter tido oportunidade de trabalhar, estudar, conviver, trocando ideias, dando risadas com amigas e colegas tão competentes e sensíveis.

Outro aspecto importante dessa caminhada, que penso em destacar, foi o trabalho da diretoria. Viver o outro lado institucional é fundamental, pertencer a uma casa e cuidar dela nos faz amadurecer, assim, deixo aqui o meu também profundo agradecimento aos amigos e parceiros de diretoria, Astrid Ribeiro, nossa presidente, Cesar Antunes, vice-presidente, Augusta Guerchmann, Administrativo; Rodrigo Boettecher, Tesoureiro; Sandra Bertoldi, Comunicação; Heloisa Zimmermann, Divulgação; Vera Hartmann, Comunidade e Cultura; e Rosa Avritchir, Cap. Nosso grupo cresceu muito e nos tornamos, a meu ver, uma forte e consistente diretoria, cada um, com seu jeito e habilidade, foi contribuindo para essa linda caminhada. Sinto-me orgulhosa em ter tido o privilégio em fazer parte dessa diretoria.

Com certeza, a Diretoria Científica é um cargo que exige muito, são muitas responsabilidades aqui, me atrevo a deixar uma pequena observação, mesmo sabendo que cada caminhante fará o seu próprio caminho. Pois bem, estar neste lugar exige um tanto de ousadia, muita flexibilidade, mas talvez o tempero principal seja o amor. Amor pela psicanálise e pela nossa instituição!

"Al andar se hace camino, y al volver la vista atrás se ve la senda que nunca se há de volver a pisar". (Antônio Machado 1875-1939)

Conheça mais o trabalho da Diretoria de Divulgação

Heloisa Zimmermann

Psiquiatra e Psicanalista, Diretora de Divulgações e Coordenadora do Núcleo de Infância e Adolescência da SBPdePA

Iniciada na gestão anterior (biênio 2020-21) pela Tamara Barcellos Jansen Ferreira, a Diretoria de Divulgação, neste período de 2022-23, ficou a cargo de Heloisa Zimmermann.

Internamente, criamos o Formulário de Solicitação de Divulgação, que simplificou o processo de coleta das informações essenciais para a produção dos anúncios em um único documento, tornando o desenvolvimento mais eficiente para todos os envolvidos (Diretorias e Núcleos).



Em relação às redes sociais, além de dar continuidade à nova atuação da Brasileira no Instagram e no Facebook, foram realizadas atualizações no site e no YouTube, através da padronização e do upload de todas as atividades gratuitas disponíveis. A SBPdePA está ativa nas mídias sociais e engajada com o seu público.

Um marco significativo, após transpor vários obstáculos, foi a introdução do E-commerce através do site da Brasileira, que agora oferece a venda da

Revista Psicanálise e de cursos on-line previamente gravados.

No entanto, é importante salientar que a maior conquista da Diretoria de Divulgação foi o lançamento do SBPdePA Cast: o Podcast da Brasileira, marcando uma nova forma de transmissão da psicanálise para a comunidade e inaugurando essa modalidade de comunicação entre as sociedades psicanalíticas no Brasil. Em função do SBPdePA Cast, foi criada uma conta no Spotify e, em seguida, no LinkedIn, ampliando ainda mais seu alcance.

Atualmente, o SBPdePA Cast conta com 15 episódios disponíveis no Spotify e no YouTube, oferecendo uma variada gama de conteúdo psicanalítico de fácil acesso.

Ao longo desses dois anos, enfrentamos vários desafios. Inicialmente, o de manter a excelência com que recebemos a Diretoria de Divulgação, e, ao longo do tempo, de usar a criatividade para implemen-

tar e manter as novidades. Foi um período muito rico em aprendizado e em amadurecimento, recheado de muitas emoções, que nos tornou mais ousados e corajosos. E a melhor parte, sem dúvida, foram os contatos interpessoais! Tratar diretamente com tantas pessoas da nossa sociedade e de fora, sempre com objetivos de enriquecer intelectualmente a todos, foi um privilégio!

Para alcançar todos esses resultados, contamos principalmente com o apoio da Diretoria da Brasileira, da Secretária Micaela Wunsh, da Jornalista Karine Freitas, da ProHub Estúdio de Gravação e dos membros da Equipe de Divulgação: Aline Santos e Silva, Iuri Oliveira e Cristina Wunsh. Agradeço imensamente a todos!

Assim, a Diretoria de Divulgação da Brasileira continua a trilhar seu caminho na vanguarda da comunicação, anunciando as atividades da Sociedade para os colegas e levando a psicanálise até a comunidade.

A saúde da organização

Rodrigo Boettcher

Tesoureiro



Um setor relevante, porém pouco explorado, a tesouraria concentra a responsabilidade fiscal/financeira de uma instituição. Seu papel é fundamental para a saúde da organização, independentemente do seu tamanho e/ou especialidade, pois a tesouraria é fonte principal de informações para o embasamento das escolhas presentes e, principalmente, futuras, seja a médio, seja a longo prazo. Portanto, investir na tesouraria é investir em agilidade e estratégias para tomada de decisões mais assertivas.

No estatuto da SBPdePA, o tesoureiro é o terceiro cargo na hierarquia institucional, após a presidência e a vice-presidência, sendo o tesoureiro responsável direto pelos compromissos financeiros institucionais. Uma responsabilidade discreta que necessariamente não representa visibilidade.

Estamos no ano de 2023 e nossa sociedade está em franco desenvolvimento, sendo reconhecida interna e externamente, somando, em breve, mais de 200 membros associados e ativos.

Paralelamente, crescem as responsabilidades, e assumir um cargo institucional demanda para além de um gesto amoroso e de agradecimento a uma

entidade que proporciona tantas oportunidades. Trata-se do compromisso de seguir zelando por nossa continuidade, tarefa coletiva, mas que na individualidade demanda cada vez mais profissionalismo.

Em particular, agradeço a nossa presidente, Astrid Ribeiro, pela oportunidade que me ofereceu nesse biênio de sua gestão, aos colegas diretores, a nossos funcionários e a todos os colegas que nos apoiaram. Penso não necessitar detalhar o quão essa experiência me foi importante, mas deixo aqui minha gratidão a todos que me ensinaram e acompanharam nesse tempo.

Por óbvio, surgiram desafios quiçá transformados em soluções. Conseguimos aprimorar nosso sistema com a contratação de um apoio financeiro que nos trouxe ainda mais agilidade e transparência. Da mesma forma, um novo escritório de contabilidade pôde atualizar nossa situação contábil. Serviços somados ao nosso financeiro, criando um tripé, como gostamos de nomear nossa formação: nosso administrativo/financeiro + apoio gestão financeira + escritório contábil, todos interligados

e ligados diretamente com a figura do tesoureiro. Concomitante a isso, a tesouraria e o administrativo investiram em tecnologia no nosso auditório e com computadores novos para todos os funcionários, revitalizando todo sistema de informática, inclusive com um novo servidor capaz de gerenciar todo esse aumento tecnológico que a atualidade exige.

Acredito que com nossas finanças cada vez mais organizadas e pujantes será possível a prosperidade para manutenção e a transmissão da psicanálise —

nosso fundamento e riqueza principal, motivo que nos faz desejar trabalhar dando continuidade ao esforço e ao sonho de nossos fundadores que, lá atrás, pensaram nosso presente.

Estar tesoureiro nesta gestão me foi além das funções protocolares e espero que isso possa estar refletido na funcionalidade, no equilíbrio e na continuidade de nossa sociedade, que sempre honrou a confiança e a transparência.

Muito obrigado!

Colegas!

Lisia Coelho Leite

Diretoria do Instituto

Está chegando a hora de mais uma mudança. A mudança das pessoas que conduzem o dia a dia da nossa Sociedade e investem seus esforços e seus afetos na sua sustentação.

Vivemos tempos difíceis! Desde a gestão anterior, o Instituto vem se encarregando de dar vida a nossa Formação em meio a uma tragédia que assolou a humanidade, a pandemia da covid-19.

Se os colegas que conduziram o Instituto entre 2020 e 2021, com os quais tive a honra de trabalhar, estiveram frente à árdua tarefa de interromper nossas atividades presenciais, a nós coube entre 2022 e 2023 irmos aos poucos tentando retomar.

Havíamos conseguido manter nossa Sociedade em importante crescimento ainda que em funcionamento on-line. Apesar de ter sido possível mantermos todas as atividades, não podemos negar que houve inúmeros percalços.

A impossibilidade de ir a nossa sede, aliada a uma importante modificação no funcionamento de nossa secretaria, gerou dificuldades com as quais tivemos que lidar ao longo dos últimos dois anos. Em meio a documentos perdidos e importantes informações sobre a trajetória de nossos membros que não conseguíamos localizar, fomos tentando retomar a ordem ao mesmo tempo em que tentávamos nos ocupar das tarefas que nos trazia o dia a dia.

Pensamos que estar encarregado de um Instituto de Psicanálise implica dedicar um esforço coletivo que torne possível não só o funcionamento das atividades referentes à Formação, mas também agir

como um facilitador das relações entre os membros do Instituto e os membros da Sociedade.

Assim, buscamos manter um contato permanente com os possíveis coordenadores, objetivando uma maior oferta possível de seminários e, conseqüentemente, o enriquecimento do trajeto percorrido por nossos colegas. Tentamos, ainda, manter nossa escuta atenta à demanda que nos chegava através de pesquisas realizadas pela AMI junto aos membros do nosso Instituto. Em função dessa escuta, realizamos um Simpósio Interno, no qual os membros do Instituto tiveram a oportunidade de discutir questões referentes a sua formação com os demais colegas membros, titulares e associados.

Nosso modelo de Formação se apoia na ideia da autonomia do membro do Instituto na condução do seu percurso e na liberdade de cátedra. Movidos pela crença nesse ideal, nos vimos frente à delicada tarefa de preservar o modelo, ao mesmo tempo em que tentávamos manter a ordem e um mínimo de segurança para podermos, aqui na Brasileira, oferecer uma Formação sólida e profunda.

Em razão disso, reorganizamos o Eixo Freud de modo a tornar claro os textos freudianos imprescindíveis à formação de um analista. E, ainda, organizamos e ampliamos a oferta de seminários da Formação Integrada. Agradecemos aos colegas que ofereceram seminários, avaliaram trabalhos e realizaram entrevistas de seleção, bem como a toda a equipe de apoio, sem os quais teria sido impossível encerrar esta gestão com nosso Regulamento revisado e todos os nossos registros em dia.



Certos de termos oferecido nossa contribuição para a manutenção da saúde da nossa Instituição nos despedimos, desejando à nova Diretoria sucesso na condução do nosso Instituto! E que sigam levando

adiante os ideais que sustentam o crescimento e a força cada vez maior da nossa Brasileira!

Um forte abraço!

Algumas notas sobre a transmissão da psicanálise

Christiane Paixão

Membro Titular com função didática da SBPdePA



Lembro das minhas inquietações acerca da formação analítica quando me interrogava sobre o *trabalho de colocar a análise no analista*, inspirada pelo livro do Francischelli (2007), no qual ele apontava “o trabalho de colocar o tratamento no paciente”. Penso que não é possível realizar o segundo trabalho sem realizar dentro de si o primeiro, sabendo que esse é um exercício interminável para ocupar o lugar de analista.

Naquela época, tinha em análise um menino de 9 anos e, em um determinado momento, a família passou a insistir em reduzir a frequência da análise. Após algumas tentativas da família, acabo cedendo ao pedido dos pais. Na sessão seguinte, sou interpelada pelo menino: “tu tá com uma dívida enorme comigo e ela não para de crescer”. O meu ato selou o destino dessa análise, que acabou por ser interrompida, no entanto, a experiência com esse menino ficou registrada dentro de mim. Quando confundi a economia psíquica com a economia financeira da família, contraí uma dívida com o meu pequeno sábio analisando.

Busco na memória essa situação clínica, pois acredito que a formação de um analista é inseparável da experiência pessoal como analisando(a) e como analista de nossos pacientes. A formação tem sua própria especificidade e exige um exercício psíquico que ocorre de dentro para fora, uma transformação a partir de um saber/fazer e fazer/saber sobre a natureza do inconsciente. Aqui, a vivência clínica como analisando(a) e como analista mostra toda a sua força de convicção.

De maneira bastante superficial, costumamos pensar que a transmissão da psicanálise acontece depois de um determinado ponto da formação, quando passamos a ocupar funções como coordenação de seminários, supervisão e análise dos analistas em formação. Do meu ponto de vista, penso que

transmitir a psicanálise é transmitir uma convicção no método psicanalítico e no benefício que se pode obter de uma análise. Sendo assim, a transmissão da psicanálise está nas mãos de quem a pratica, independentemente do lugar que cada um ocupa ao longo do caminho.

No entanto, quando se trata da transmissão dentro de uma instituição de formação analítica, cabe um olhar mais atento para as nuances que envolvem o modelo de formação.

A forma como cada um pensa esse processo e como cada Instituto o conduz diz sobre as bases em que está assentado. O tema é complexo e desperta muitas divergências.

Podemos esquematicamente pensar que, de maneira geral, há dois grandes modelos. O modelo doutrinador, vertical, com mestres e discípulos, no qual em nome da tradição se busca manter tudo como sempre foi. Como resultado podemos ter uma “paralisia superegoica do jovem analista”, como refere Bernardo Tanis, preso a identificações e filiações teóricas e pessoais que o impeçam de se tornar o analista que pode ser. Aquele que não se adapta a esse modelo é impelido a seguir o caminho de astros mais luminosos. Grupos societários com poucos candidatos interessados e com muitos candidatos que permanecem no mesmo lugar talvez sejam reflexo desse modelo.

E há o modelo que pensa a formação de um analista dentro de um processo de “vir a ser analista”. Um modelo que compreende os conflitos inerentes ao processo de identificação e desidentificação e inclui a dor e a decepção pela perda de algumas ilusões, mas também inclui a conquista da liberdade com seus limites e possibilidades para o exercício da psicanálise. Nesse modelo, a tradição é menos a manutenção de um passado imobilizado e mais a possibilidade de um futuro como psicanalistas e como

instituição. A corrida de revezamento do bastão oferece uma boa representação para essa ideia, na medida em que reconhece a transitoriedade de tudo.

No entanto, não penso que exista modelos puros, isso seria ingenuidade, afinal, corremos o risco de carregar o desejo narcísico de “formar alguém à imagem e semelhança do criador”, o que dentro de um instituto de psicanálise é o mesmo que querer perpetuar uma linhagem analítica. Quem nunca se interrogou sobre isso ou quem nunca temeu que a sua intervenção transmitisse um juízo moral e pudesse tentar enquadrar alguém?

A decisão sobre o currículo oferecido também fala da forma como cada Instituto pensa a formação. Quem nunca escutou que tal conceito precisa ser revisto, ou que tal autor ou temática precisa ser estudada, tensionando o que pensamos saber sobre o que é fundamental na formação de um analista? Nada mais analítico e ético que enfrentar essas questões.

Há poucos anos, o ensino da psicanálise ainda se dava através de um programa curricular bastante estabelecido com autores clássicos da psicanálise. Nos últimos tempos e com o ingresso cada vez maior de jovens analistas, isso associado a um maior diálogo com o que acontece fora das paredes do consultório, a psicanálise vem sendo tensionada a repensar não apenas seus conceitos, mas a intersecção deles com a cultura. Repensar conceitos não é refutar, mas pensar de forma complexa, situando-os dentro de outro contexto histórico.

Não é à toa que temas como racismo, gênero, patriarcado, heteronormatividade, feminismo, antisemitismo adentraram as salas de seminários e as discussões científicas, exigindo que possamos abarcar esse debate. Minha hipótese é de que passamos a incluir de forma mais clara a ideia de que os códigos sociais são marcadores culturais e influenciam a constituição do sujeito, como a pulsão, a identificação e o vínculo. Outra mudança observada é que os analistas são cada vez mais cidadãos fora dos seus

consultórios e as instituições são convocadas a se manifestar sobre questões sociais e políticas, o que não significa que dentro da sala de análise o analista possa ser um militante, ao contrário, é cada vez mais exigido do analista o desenvolvimento de uma capacidade negativa expressa numa escuta abstinente. O psicanalista não opera como uma patrulha nas fronteiras, dizendo isso fica dentro, isso fica fora, esse sujeito eu atendo, esse eu não atendo, pelo contrário, ele tira proveito do que escapa e desvia para se desenvolver. Tudo isso indica que há grandes movimentações acontecendo com a nossa disciplina e dentro das instituições, gerando inevitavelmente tensão sobre o que se considera fundamental na formação de um analista.

Por fim, a saída da pandemia deixou como herança a experiência do atendimento remoto e trouxe para a discussão o lugar do on-line na formação analítica, especialmente no que se refere a análise do analista em formação. O que parecia uma ferramenta transitória no período pandêmico passou a ser considerada parte do modelo de formação, a ponto de estar sendo pensado que boa parte da análise do analista em formação possa se dar de maneira remota, conforme informações vindas do *board* da IPA. Até o momento em que escrevo este texto, isso ainda não foi votado, mas apenas o fato de estar sendo cogitado merece nossa atenção e discussão. Acho surpreendente que esteja sendo considerado que a análise possa ser realizada de maneira on-line com um percentual incrivelmente baixo de presença.

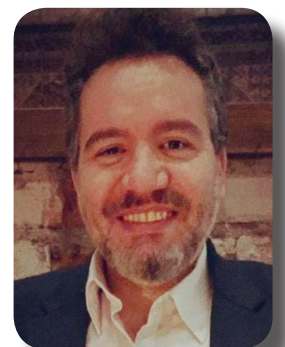
Inevitável perguntar: a qual economia esse modelo atende? Que peso daremos ao encontro tridimensional dentro de uma sala de análise? A experiência on-line oferece as condições necessárias para um estado de regressão que permita as mudanças subjetivas no futuro analista?

Espero que não percamos de vista onde situar o rigor para que o debate dirija a discussão mais em direção aos conceitos que sustentam a nossa prática e menos em direção a percentuais.

Minifesto pela transmissão psicanalítica indireta

Thércio Andreatta Brasil

Membro do Instituto da SBPdePA
Presidente da OCAL



Muitas são as possibilidades, formatos, vicissitudes, caminhos e descaminhos da transmissão em

psicanálise. Início e fim da vida interinstitucional, ela está presente nos seminários, na supervisão e,

sobretudo, na análise. Aqui, onde se imaginaria que ela teria que menos se apresentar, é, justamente, onde seus efeitos se dão de modo mais surreais.

Porque é na intimidade da transferência que se reconhece a qualidade da transmissão. Essa, quando direta, automática, vertical, dá-se na passagem de conteúdos e supostos saberes. Quando a psicanálise é demasiadamente idealizada, isso se converte em dogmas. “Ninguém mexe com meu Freud”, ouve-se nos seminários. “Você se define como freudiano, kleiniano, bioniano, lacaniano?” não se pode duvidar. Para acalmar a angústia do indefinido, cita-se um autor reconhecido. E assim se transmite os conteúdos psicanalíticos com alguma pompa e conhecimento.

Há também a transmissão indireta. Algo como a capacidade de representar as representações, algo de transmitir um modo de pensar, um modo de analisar, uma abstinência científica e artística, um continente a expandir. Essa transmissão é encontrada naquele(a) analista capaz de pensar por si, capaz de oferecer uma singularidade. Fruto da transmissão, essa capacidade é, infelizmente, mais rara de se encontrar. Depura-se com o tempo e com a calma, é a antítese da voracidade.

Invariavelmente, as duas formas se encontram em “nosotros”. Cabe ao trabalho da análise poder transformar a transmissão direta e vertical em indireta e horizontal. As resistências são muitas e as transformações no contrário se apresentam. Não é rara a relutância ao novo ser apontado como um risco à verdadeira psicanálise, aquela praticada nos primórdios e trazida pelos fundadores. Agora, quando iluminada pelo caleidoscópio de possibilidades, vê-se nesse movimento inércia e idealismos.

O *establishment* tradicionalmente tenta, quando pressionado pela criatividade e pela surpresa frente aos acontecimentos inovadores, ou expulsá-los e condená-los, ou os capta via condecorações e elogios a fim de os seduzirem a parar. Se há continência e erotismos suficientemente desenvolvidos, evita-se a cisão institucional.

Não se trata de negar a tradição, e sim de honrá-la pensando a psicanálise e a clínica em contato com a contemporaneidade. Paulo Leminski, em *Ensaio e Anseios Crípticos* (2011), sintetiza bem isso:

Negar a tradição, começamos a perceber, é tão fácil quanto é difícil achar alguma coisa para colocar em seu lugar. Liberdades à parte, parece que, intuitivamente, começamos a perceber aquela verdade, formulada pelo linguista Noam Chomsky: “A condição preliminar para uma verdadeira criatividade é a existência de um sistema de regras, de princípios, de restrições”.

Nesse sentido, as bases que estruturam os seminários — frequência, pontualidade, registros, leituras — são fundamentais, ou seja, fundamentam um enquadre estruturante. Isso pode abrir muitas portas de percepção e questionamentos.

Por falar nisso, uma questão ao Instituto: o que pode ser mais útil ao membro que recém-ingressou e está começando na psicanálise, com poucos pacientes e sua grande maioria em baixa frequência (algo que não se passa só com quem está começando), estudar o que há de mais contemporâneo na teoria, campo psicanalítico, não-neurose, psicossomática, adições a celulares e jogos eletrônicos, por exemplo, ou começar com “um retorno ao primórdios freudianos”?

Quando não se tem muito repertório, tem que se usar tudo que se tem. Lembrei-me de um poema de Caprixos e Relaxos (1983), do Paulo Leminski, para ilustrar isso:

Minifesto 2

A literatura de um país pobre
não pode ser pobre de ideias.

*Pobre da arte de um país
pobre de ideias.*

*Pobre da ciência de um país
pobre de ideias.*

*Num país pobre,
não se pode desprezar
nenhum repertório.*

*Muito menos
os repertórios mais sofisticados.
Os mais complexos.
Os mais difíceis de aceitar à primeira vista.*

Lembrem-se de Santos Dumont.
Sempre haverá quem diga
que num país pobre
não se pode ter energia nuclear
antes de resolver o problema
da merenda escolar.
Errado.

Num país pobre,
movido a carro de boi,
é preciso por o carro na frente dos bois.



SBP de PA

Sociedade BRASILEIRA de
Psicanálise de Porto Alegre